12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Morreu a "Severa"

Angela, a genial creadora dessa figura dolorosa do pôvo, a *Severa*, a actrŭz muito portugueza pela transbordante afectividade do seu coração e pela grandesa da sua alma de artista, foi a enterrar esta semana. O povo de Lisboa perdeu um idolo e foi, soluçando, leva-lo á campa.

O DOMINGO ilustrado
ANO I N.º 9
LISBOA 15 DE MARÇO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO Ilustrado*
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*—EDITOR GERENTE *EDUARDO GOMES*—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

AS «PRIMEIRAS PEDRAS»...

Se o que eu sei das palavras da Escriptura
não me engana nas minhas deducções,
o proprio Jesus Christo, em certa altura,
nesta dura questão da pedra dura
deu exemplo ás vindoiras gerações.

Com a Sua bondade redemptôra,
— vendo a sêde insensata que em nós medra
de zurzir qualquer alma peccadôra —
disse de certa adultera senhôra:
«— Lance-lhe um justo uma primeira pedra!» —

Os Seculos *passáram ... Ha* Noticias
de Epocas *mil, de um brilho resplendente;*
com Dias *que eram rêdes de caricias.*
Mas sobre essas ephemeras delicias
A Tarde *vai baixando lentamente ...*

Hoje, nas trompas da publicidade,
nós todos vemos que uma prága medra.
— Repito o feio verbo ... É que em verdade
de outra rima não sei que se adequade
a esta mania: — a da primeira pedra.

Seja gloria, da gloria mais gloriosa,
ou gloria de latão, enthronizada
por paixões de uma origem duvidosa,
tem hoje a gloria a sina dolorosa
de se ver volta e meia apedrejada.

É bonito exaltar celebridades?
Sim. Nunca serei eu quem o repróve;
comovem-me até muito as magestades
de Albuquerque, — a apontar calosidades... —
e de Saldanha, irado, — a ver se chóve ... —.

Mas isso mais aviva o meu engulho
ao ver que nunca passa um mez inteiro
sem, num mesquinho revolver de entulho,
se lançar um primeiro pedregulho
(que nunca vê segundo nem terceiro!)

A adultera da Biblia era consciente,
tinha culpas reaes no seu peccado;
— e alcançou o perdão do Omnipotente.
Basta de enterrar seixos junto aos canos;
basta de lançar pedras a um Passado,
que, nas mãos de Fulanos e Cicranos,
não tem culpa de ser adulterado ...

TAÇO

VERANEIO

— E para isto deixamos nós Lisbôa ...
— E' bem feito — Não me largavas emquanto te não trazia ás aguas ...

questão prévia

A' hora a que estou escrevendo, neste enregelado dia de Março que parece bem pouco disposto a ser cumplice da primavera que se aproxima, em redor do cadaver de Angela Pinto vai num ciciar de resas e de recordações.

Depois de uma longa agonia de sofrimentos e esperanças, a mulher finou-se. porque a artista, essa morreu no momento em que, no palco do Politeama, em plena representação das «Flores», a doença a fulminou. Morreu fisicamente, porque para a gloria imarcessivel da posteridade Angela começou precisamente a viver quando de todo se apagou para ela a luz vivificadora das ribaltas.

No lento e doloroso calvario dos seus ultimos meses de vida, Angela teve alguns raros e consoladores momentos, que a deviam ter bem preparado para a eterna viagem de que nunca mais se torna. Nas ovações e nas lagrimas com que o publico a acolheu nas duas festas de homenagem que, durante a sua doença, lhe foram tributadas, a grande artista, morta já para a sua arte, teve a iniludivel prova de que a gloria lhe nimbaria a memoria, essa gloria postuma que é a mais pura, porque se funda e alicerça em juizos desapaixonados e imparciais.

* * *

Digam-me, se quizerem, que o fatalismo é uma doutrina comoda para os que não se empenham em profundar a origem das origens, arquitectando hipoteses e teorias, que por mais arrojadas se confinam sempre entre os limites estreitos da inteligencia humana. Eu sou fatalista e exemplos como o da vida de Angela Pinto mais consolidam e me confirmam no meu fatalismo.

Já pensaram, agora que Angela preocupa a nossa sensibilidade e o nosso espirito, na possibilidade de ter sido esse genial interprete de toda a gama de psicologias femininas uma mulher do lar, vivendo uma apagada, obscura vida de *pot-au-feu*?

Nos misterios da concepção, ainda e sempre renitentes á investigação scientifica, o mais misterioso é sem duvida esse da curva do nosso destino, que vem conósco á vida, desenhado já desde o primeiro vagido ao derradeiro alento.

Contrariasse embora o ambiente as solicitações do seu espirito, algumas com as convenções sociaes os impulsos da sua alma, Angela haveria sempre de consumir-se na chama pura do genio criador, que nada pode apagar, que nem a morte extingue.

* * *

Angela, que teve os mais remuneradores contractos entre os artistas scenicos, morreu pobre e mais de uma vez, durante a longa doença, amigos e publico tiveram que ocorrer-lhe ás mais instantes necessidades.

E' a eterna verdade da fabula da cigarra e da formiga. Cantou toda a vida e quando o inverno chegou, achou-se desprovida. Ah, como as prudentes e cautelosas formigas, que vivem contentes no celeiro amealhado em duros trabalhos durante um estirado verão, devem escarninhas apontar á prole o exemplo da pobre cigarra morta!

Mas o que elas nunca poderão compreender, as avidas formigas, é que quem dissipa o talento tem o direito de dissipar o dinheiro. E bem considerado, isto por fim é natural, porque nunca, atravez de tantos seculos de fabula, a formiga percebeu que a cigarra leva todo o verão a cantar para regalo e deleite das formigas a que a natureza castigou, dotando-as largamente dum feroz instincto de conservação, mas negando-lhes a faculdade divina de criar a Beleza.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

Os jornaes falam muito na visita a Paris do Snr. Austen Chamberlain, secretario de Estado dos estrangeiros, e nas cordeaes conferencias que teve com o Sr. Herriot, e, todavia, visitas e conferencias desse genero é ao que mais habituados devemos estar, pela sua repetida frequencia nestes ultimos anos.

E tanto tudo continua na mesma — ou quasi na mesma — que os jornaes acrescentam a taes noticias comentarios deste teor:

"*De estas diversas conversas parece resultar por emquanto que os pactos de garantia ainda não sairam de estudos preleminarios*".

... E os estudos continuarão.

* * *

Reconhecer-se-ha depressa o que são esses «pactos de garantia», lendo-se as seguintes expressivas linhas do «Temps»:

"*Só quando os Alemães souberem que toda a tentativa de agressão da parte deles, repetição da de 1914, fará erguer automaticamente contra eles a Inglaterra, a França e a Belgica, é que haverá probabilidades de não se arriscarem a cometê-la*".

Eis o que não nos permite vêr o horizonte muito côr de rosa.

* * *

Já se conhecem pontos precisos do acordo russo-japonez.

Dois achamos desde já interessantes frisar. São eles:

a) A Russia abstem-se de qualquer propaganda bolchevista no Japão.

b) A Russia cede ao Japão 50 % das Minas de petroleo na fecunda região de Karaputo.

Não se pode dizer que fosse de graça que o Japão deu á Confederação Sovietica a gentileza do reconhecimento...

* * *

Já está espalhada a noticia de que na Alemanha ficou resolvido, «por proposta dos democratas», nomear-se um presidente interino do «Reich» até á eleição do sucessor do falecido presidente Ebert.

Mas o mais significativo é o motivo que pesou sobre tal resolução.

Esse motivo é simplesmente recearem esses democratas qualquer vantagem que para os nacionalistas, para os monarquicos, poderia advir de estar ocupando, embora interinamente, esse alto posto o actual chanceler Dr. Luther,

Os nacionalistas, os monarchicos, porém ficaram indiferentes perante essa medida.

* * *

Agora o mais sensacional ainda, a proposito daeleição presidencial na Alemanha, é correr certo rumôr de que os comunistas alemães estão resolvidos a votar num candidato monarchico. afim de apressarem, por uma politica de «quanto peor melhor», a revolução bolchevista...

A. ROCHA PEIXOTO

AS NOSSAS CAPAS

Dedicamos a primeira pagina á memoria de Angela Pinto, a gloriosa artista, sem duvida a mais portuguesa das nossas grandes mulheres da scena.

A ultima fixa o momento solemne em que o deputado Cunha Leal produziu graves afirmações politicas no congresso nacionalista.

écos

A ultima cronica aqui do lado, assinada pelo nosso brilhante colega Feliciano Santos, tendo por tema o «Teatro Novo», fez supôr a alguns espiritos faceis que não estavamos de alma e coração com a notavel iniciativa do joven e talentoso escritor modernista Antonio Ferro. Todos nesta casa, e Feliciano Santos como todos, têem pela generosa ideia do Teatro Novo o maior respeito e anciosamente esperam vê-la coroada do exito que merece. Mas, num país em que tudo morre sufocado pela chuchadeira não é demais explicar que uma inofensiva ironia como a de Feliciano Santos não envolve nem descrença nem má vontade, nem menos respeito pelo trabalho e pelo esforço honestissimo de Antonio Ferro, sem duvida alguma um dos elementos mais moços com que o nosso país conta para realizar o milagre da sua ressurreição intelectual.

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o folhetim de «O Domingo Ilustrado» que começámos a publicar no numero anterior e que é subscrito por um dos medernos escritores e jornalistas portugueses que gosa de mais publico — o Sr. Dr. Luiz de Oliveira Guimarães. Muito novo, o brilhante cronista que em «O Mundo» na secção do «Pó de Arroz», e na «Capital», nos «Segredos a toda a gente» marcou um lugar inconfundivel, mantem e afirma na deliciosa «trouvaille» de «O Rei Maganão» os seus já bem firmados creditos.

RECEBEMOS, em primorosa edição com uma expressiva capa de Jorge Colaço, a encantadora comedia de Lorjó Tavares, «Os Inglezes» que tanto exito teve no Nacional. O novo trabalho do consagrado dramaturgo vae ter decerto um merecido sucesso de livraria.

O nosso concurso teatral tem tido um exito formidavel. São ás centenas as quadras entrada na nossa redação. Tenham paciencia os seus auctores, chegará a vez a todos.

Num páiz de poetas, e onde o amôr é a preocupação constente era de esperar esta bicha poetico amoroso.

OS pardaes do Camões, saem logo de manhã para o trabalho e regressam ao pôr do sol. Ha porém uns, doentes ou velhos, que saem mais tarde e voltam mais cedo, instalam-se sempre no mesmo sitio dos fios telegraficos e dir-se-hia que o seu ar é fatigado e respeitavel. Um hospede do hotel fronteiro á egreja e que analisou o facto assevera-nos que é rigorosamente egual todos os dias, o numero dos pardais-velhos que não «fazem horas extraordinarias» na rude tarefa do pão de cada dia.

SINTOMAS

Não senhor esteja descançado: o quartinho não é nada humido — e a prova é que ha aqui percevejos todo ano...

O que se ouve

S. LUIZ

ORQUESTRA BLANCH

Hoje realisa-se o ultimo concerto de assignatura da Orquestra Blanch, com o concurso de Vianna da Motta que, a pedido, executa pela 2.ª vez o «Concerto um si bemol maior» de Brahms e as «Variações Sinfonicas» de Cesar Franck.

No programa da orquestra estão a «Scheherazade» e uma «Berceuse» de Julio Almada.

O sucesso do concerto de domingo passado, e este magnifico programa garantem nova enchente hoje.

«Epopeia Maldita» (o drama da guerra de Africa) — por Antonio de Cértima.

Antonio de Cértima viveu a grande guerra em terras africanas e quís perpetuar, num bom livro, alguns momentos mais emocionantes dessa angustiosa tragedia de que foi espectador e figurante. Conseguiu escrever uma das melhores obras da nossa «literatura da guerra», uma obra que ao contrario de muitas que fazem parte dessa espécie bibliografica — já por demais fecunda — tem não só interêsse documental como valor estetico. O seu estilo guardou alguma cousa do tumulto alucinado que, durante meses, quebrou a indiferença da selva.

Ha periodos curtos, secos, que evocam mocidade e frescura. Ha outros, delirantes, longos, que talvez por serem menos secos, não se leem de olhos enxutos. Ha vastos paineis cheios de mistica penumbra, onde surgem alguns perfis vencedores que não couberam nas tábuas de Nuno Gonçalves.

Mas, para além e para cima dá beleza literaria e da potencia emocional, ha sinceridade e desassombro — duas raras virtudes — nesta epopeia, que é «maldita» porque historia sofrimentos imerecidos, inglórios, gloriosamente suportados.

«Três Novelas» — por João Amaral Junior.

Partindo do principio de que merecem toda a simpatia os escritores novos que se estreiam com um despretencioso livro de prosa despretenciosa e não atacam as perseguidas musas, o snr. João Amaral Junior tem direito só a palávras de estimulo.

As novelas de trinta paginas encontram sempre leitores e se forem honestas e equilibradas como as do snr. Amaral, deixam uma boa recordação. E isto é já uma grande victoria para todo o escritor que ainda não pretende ser admirado.

Tereza LEITÃO DE BARROS

SENÃO...

Ou me dás o que te peço, ou... vês este revolver?
— Que vais fazer desgraçado?
— Vou empenha-lo...

IN VINO VERITAS

Dizem os entendidos em sociologia geral, que o homem não é verdadeiramente do sexo macho senão cumpriu trez preceitos primordiaes. Escrever um livro, plantar uma arvore e inventar um filho. Se muitos conseguem o *desideratum* com relativa facilidade, outros ha que, por muito que esfreguem as meninges não conseguem seguir á risca a prescrição e eu sou um dos deste numero porque, embora tenha conseguido os dois primeiros conceitos estou a vêr que a minha arvore geneologica corre serio risco de ser reduzida a lenha a menos que um enxerto salvador venha evitar mais um caso de vandalismo.

Mas, sem a pretenção de querer ampliar a já vasta sabedoria das nações, entendo que muitas mais obrigações tem o homem que quizer ser completamente homem. E sem duvida, entre suas obrigações é digna de vulto a de apanhar uma carraspana no dia dos anos.

É claro que este dever pode ser ampliado ou reduzido consoante as aptidões vinhaticas de cada um. Se ha camarada que conta como caso de grande sensação, uma unica borracheira apanhada em longos anos de existencia, abundam tambem aqueles que, se juntassem numa só capoeira todas as *perúas* que teem alimentado, mesmo que cercassem o Terreiro do Paço de rede de arame, ainda muitos galinaceos ficariam á solta. Ora eu devo declarar que gosto dos embriagados. Não porque a eles me prenda qualquer afinidade de paladar, simplesmente porque num homem embriagado veem-se trinta vezes melhor as suas paixões, as suas qualidades e defeitos, o seu verdadeiro temperamento, prendas que, nos momentos lucidos, todos escondem com medo de serem roubados.

Acho piada aos bebados, principalmente aqueles que, perdida a sensibilidade do ambiente, dão largas as suas mais queridas predilecções. Muitas vezes tenho seguido um homem que vai pela rua fazendo SS cedilhádos, a ouvir o que ele diz e, para quem não tem mais nada que fazer no momento, é um espectaculo engraçado. Ás vezes aparece um que lhe dá para o patriotismo e então é que é falar com entusiasmo! Para o sujeito a Patria é tudo e a Rainha Santa Izabel e o Sr. Cunha Leal, duas figuras muito importantes na Historia Portugueza! Quasi todos teem por Camões e Gago Coutinho uma autentica veneração e são capazes, no seu dizer emaranhado, de correr dois mil inimigos imaginarios só com o gesto de uma bofetada. Outros dá-lhe o alcool para a honestidade, para a honradez e para os calos das mãos.

Garantem que são *operarios trabalhadores*, que o que teem a dizer dizem na frente de qualquer um, que ninguem lhes pode dizer tanto como isto e que a fazer um *vasio* ou a embutir uma lasca de mógno ninguem lhes ganha as lampas.

Ha tambem os já embebedados pela liberdade e que o alcool apenas reforçou. Esses levam aos berros de baixo e acima, dão vivas á Russia Vermelha e á revolução côr de rosa, morras ao clericalismo e á burguezia e quasi sempre faltam no dia seguinte ao trabalho em resultado de um viva mais subversivo ou de uma cabeçada num poste de electricos.

E eu, que já estou farto de ouvir as asneiras dos homens em perfeito juizo, perco-me muitas vezes a ouvir os embriagados e devo declarar para bem da verdade triunfante, que nem sempre deixo de pensar no que dizem esses réprobos sociaes.

Vem isto a talhe de um caso passado hontem e que aqui fica em letra redonda, a engrossar a historia do sumo inventado por Noé, segundo a lenda.

A' minha frente seguiam dois bebados. Dificilmente se equilibravam e pareciam gemeos na bebida. Um era alto e magro, outro baixo e gordo mas pelas curvas que faziam, deviam ter os estomagos do mesmo tamanho.

O mais alto parava de quando em quando e, balouçando os braços gritava:

— Se eu fosse Ministro da guerra, acabava com a tropa!

— E logo o outro, num largo gesto de assentimento, gritava:

— Apoiado!

Segui-os e eis o que fui ouvindo:

— Se eu fosse Ministro da Agricultura, acabava com a Moagem! — gritou o mais alto.

— Apoiado! — gritou o outro.

— Se eu fosse Ministro dos Estrangeiros acabava com os padres inglesesI

— Apoiado!

— Se eu fosse ministro da Marinha, acabava com os marujos!

— Apoiado!

— Se eu fosse Ministro das Finanças, acabava com o dinheiro!

— Apoiado!

— Se eu fosse... — um bôrdo mais violento, com desequilibrio e eis que o homem se estatéla ao comprido na rua, e logo o outro parando e estendendo-lhe os braços:

— Pronto! Lá caiu o Ministerio!

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Dada a porção de films de que é preciso falar, faremos uma resenha telegrafica.

Messalina — 2.ª e ultima jornada, acrescentando fócos de beleza á explendida super-producção. Notavel o trabalho de Rina di Liguoro.

A orfandade de miudinho — E' notavel a especulação que se faz em torno de Jackie Coogan que foi perfeito quando trabalhou junto de Charlot e depois se entregou a excessos de producção dos quais o peor é este da «orfandade» lamuriento, chorão e idiota por vezes. Jackie que já se reabilitou nos seus ultimos trabalhos para a «Metro» devia mandar aprehender estes films que ultimamente nos teem impingido.

Primeira Nova — E' uma comedia de Carlos Ray e está dito tudo. Ray é o mais espantoso galã comico do cinema e uma das suas figuras geniaes. Este film é um dos melhores da sua carreira.

Bava — Excelente argumento, poderosa realisação e desassombro notavel ao retratar os soviets. Fotografia cheia de belezas e interpretação inexcedivel de Wallace Beery, Forvest Stanley, Silvia Breamer Fovrest Stanley e Estelle Taylor. Um dos bons films do mês, digno dos maiores elogios.

Garoto de Paris — Um argumento capaz de fazer chorar uma duzia de mulheres a dias e meia duzia de mulheres vadias. Soberbo de ridiculo tudo aquilo. O mais «bota de elastico» possivel.

Procure o meu advogado — Soberba comedia Christie superiormente interpretada e bem enscenada.

Garçonne — Deixamos para ultimo lugar este film. Não é um film. E', da parte dos exibidores um autentico «conto do vigario». E' indecoroso que se ofereça ao publico com semelhante titulo um mau «film» que evidentemente não tem o minino ponto de contacto com o romance prohibido de victor Marguerite. Esse escandaloso romance, foi filmado por Arnaud Duplessis tendo como vedetta France Dhélia.

E' portanto uma autentica burla feita a Duplessis anunciar como «Garçonne» um mau film, imitando baixamente a sua explendida realisação. E' um caso de policia correcional. E por hoje, nada mais.

VON C. K.

CONDIÇÕES

O director do teatro: Assim sem referencias... é o diabo! Se eu tivesse a certeza que o sr. era uma pessoa seria ainda o podia contratar como comico...

Sports

Os primeiros Jogos de preparação olimpica

Teve o Jornal «O Seculo» a feliz iniciativa de solicitar do Comité Olimpico Portugues a sua colaboração para um emprehendimento sportivo a realisar no ano corrente.

Aquela inspiração de «O Seculo» veiu ao encontro duma velha aspiração do Comité: fazer anualmente os Jogos preparatorios nacionaes.

A iniciativa dum jornal poderoso e lido, não só lhe faculta a ampliação da sua primitiva idea mas tambem lhe permite uma apreciavel obra de propaganda de resultados futuros garantidos.

Por um acaso excepcionalmente feliz conjugaram-se os elementos bastantes para levar a efeito, um belo programa de provas sportivas, moldado, tanto quanto possivel, em harmonia com o programa olimpico.

Ao mesmo tempo que os Jogos preparatorios, que manteem o seu natural caracter nacional, o Comité procurará trazer a Portugal alguns estrangeiros, que disputarão provas internacionaes.

Uma grande dificuldade a vencer, a da preparação dum terreno capaz para as provas de atletismo, até essa mesma parece destruida. Está quasi assente a construcção duma pista — senão uma pista modelo, ao menos com arranjo tecnico suficiente, para garantir a possibilidade de lá meter estrangeiros, sem termos que velar a cara envergonhada. . .

Já os jornaes teem noticiado com certo detalhe a organisação das provas. Não perdemos por isso mais tempo, repetindo-a. Como não podia deixar de ser o Comité Olimpico Portugues promtificou-se a colaborar em «O Seculo», porque este, com um louvavel desinteresse, se propoz remover dificuldades materiaes e distribuir lucros — se os houver — por associações de beneficencia.

A organisação tecnica dos Jogos competirá, evidentemente, ás Federações.

O que advirá dum principio tão auspicioso? É necessario não ter fé para descrêr. Mal me ficaria não afirmar que creio, pela minha parte, em absoluto.

F. GUEDES

ANTONIO RIBEIRO DOS REIS

O nosso primeiro avançado centro internacional, notabilisou-se sempre pela correção de porte em campo e pelo dedicado amor ao seu «Bemfica».

Tecnico profundo e jornalista primoroso, Ribeiro dos Reis é considerado com inteira justiça como um dos nossos dirigentes de foot-ball, mais conceituado e mais imparcial.

PELO ESTRANGEIRO

RUGBY

Os «all blacks» invenciveis

O famoso quinze de rugby da Nova-Zelandia, que numa tournée de tres mezes no velho continente, não perdeu nem empatou um unico encontro, acaba de derrotar estrondosamente duas «equipes» canadianas.

Em Vancouver, os zelandezes esmagaram por 49 pontos a 0, o «Bristih Columbia» que tinha no seu ativo uma vitoria sobre o «team» olimpico americano, que ganhou o torneio de rugby, nos jogos olimpicos de Paris.

Em Victoria, contra a «equipe» selecionada desta cidade, o resultado ainda foi mais extraordinario, os «all blacks» triunfando por 68 pontos a 4.

Temos assim em dois desafios 117 pontos contra 4!!!

—

NATAÇÃO

Na America, Borg bate um novo record

O famoso nadador sueco Arne Borg prosegue triunfante na sua tourneé nos Estados Unidos da America do Norte.

Em Miami (Florida), Borg ganhou a meia milha (840 metros) estilo livre, em 10 m. 39 s. 4/5, tempo que constitue um novo record do mundo.

O maximo anterior pertencia-lhe egualmente com 11 m. 9 s. 1/5.

Este tempo foi melhorado duas vezes; uma pelo jovem prodigio australiano A. Charlton com 10 m. 51 s. 4/5 e outro por Borg na sua tournée a Honolulu, com 10 m. 43 s. 2/10. Contudo, as duas performances não tendo sido realisadas em piscinas de dimensões regulamentares, a Federação Internacional de Natação, não as homologou.

OS ENCONTROS REGIONAIS O CAMPEONATO DE LISBOA

O XX Porto-Lisboa foi sob todos os pontos de vista, uma jornada bem ingloriosa para o foot-ball portuguez. Dificil se torna prevêr as consequencias da pesada derrota que sofreu o onze portuense, atendendo ás condições especialissimas em que foi obtido o triunfo da capital.

A rivalidade entre os dois principaes centros sportivos do paiz, que ultimamente fôra rudemente atacada por elementos sãos e honestos que procuravam a todo o transe a harmonia na já longa familia sportiva nacional, encontra-se novamente ao rubro, em virtude do ocorrido no campo do Covêllo.

Não é intuito nosso procurar atenuar as causas que determinaram tamanha celeuma. Seja-nos apenas permitido salientar, que a imprensa é totalmente oposta na intrepretação dos factos, segundo se trata dum cronista de Lisboa ou do Porto.

E nós que não assistimos ao encontro, nunca deveremos conhecer a verdade, pois as paixões predominam na mais simples descripção.

Num ponto apenas todos estão de acordo: é que encontros daquele jaez são a forma mais simples de ridicularisar uma das mais belas manifestações sportivas, o foot-ball.

Dificil pois se apresenta a missão dos nossos dirigentes, em especial quando o decorrer do campeonato nacional puzer em confronto grupos do norte e da capital.

* * *

No Algarve, o grupo lisbonense jogou mal, perdendo boas ocasiões de marcar e luctou com a pouca imparcialidade do arbitro escolhido, o que mais uma vez comprova a grande crise actual de juizes de campo competentes e honestos.

* * *

Hoje no Campo grande, o Sporting leader do campeonato de Lisboa defronta-se com o «Victoria» de Setubal, campeão do ano findo, mas que na presente epoca, só tem sofrido derrotas.

Os «leões» são nitidamente favoritos, ainda que na 1.ª volta o seu triunfo fosse dificil e por um score que traduz bem a nossa afirmação, 3-2.

A forma manifestada pelo onze do Campo Grande, nos matches realisados com o Casa-Pia e Belenenses, leva-nos a considerar os «leões» como logicos vencedores do campeonato lisbonense e nitidos triunfadores no campeonato nacional.

A. CORREA LEAL

I

CORRIDAS E CORREDORES NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MEDIA

(Continuação do n.º 8)

Moebins observou a cicatriz que o atleta possuia na região do baço.

Admite-se que os individuos na Turquia que se dedicavam á profissão de corredores, utilisavam mais o metodo de fogo que o do ferro.

Outrora o sultão mantinha sempre cem corredores, chamados «peichs» (lacaios), geralmente de origem persa, cuja principal missão, consistia em preceder o seu amo, quando este saia, dando saltos e cambalhotas.

Os antigos peichs andavam sempre descalços. A sola dos pés era de tal modo endurecida e calosa, que se faziam ferrar como os cavalos, com pequenas ferraduras muito ligeiras; para maior semelhança traziam sempre na boca umas pequenas bolas de prata, ôcas e furadas, que mordiam, como os cavalos trincam os freios; finalmente os cinturões e as ligas eram guarnecidos com guisos e cascaveis. Taes eram as equipagens dos nobres da Turquia.

Os peichs não obstante andarem sempre a pé, eram mais expedictos e escrupulosos que os cavaleiros. Iam de Constantinopla a Andrinopla e voltavam em 48 horas, ou sejam 40 leguas por dia.

Um destes corredores apostou ir duma cidade á outra em pleno mez de Agosto, do nascer ao pôr do sol e ganhou a aposta.

Taes são as principaes performances que os antigos nos transmitiram, mas que nós publicamos sobre toda a reserva.

II

CORREDORES DE NOBREZA EM INGLATERRA. CORREDORES MODERNOS

A nobreza possuia, como vimos, corredores que levavam mensagens dos seus amos, dentro e fora da cidade.

Outras vezes acompanhavam as viaturas em viagem, prestando o seu concurso nas passagens dificeis.

Antes de 1789, o serviço de mala-posta tinha uma organisação muito dificiente. De resto, o estado das estradas tornava sempre dificil o emprego de carruagens.

Os bons corredores no entanto, eram raros.

Em França, este mister era exclusivo dos povos bascos.

Na generalidade, os montanhezes são mais ageis que os homens das planicies, o que deve ser atribuido á naturesa do seu territorio. E todos sabem que a Navarra e Byscaia são regiões muito acidentadas.

Em epocas mais remotas, os naturaes da ilha de Créta salientaram-se pela sua agilidade o que nada tinha de extraordinario, se atendermos, que desde a infancia, estavam habituados a um terreno muito montanhoso, impraticavel aos vehiculos e cavalos.

A mesma diferença se observa nos povos selvagens, segundo estes habitam nas montanhas ou nas planicies.

Lescarbot elogiando no seculo XVII a agilidade dos indios do Canadá, notou que os povos da serra dominavam sempre em agilidade os habitantes dos vales. Na sua opinião, os primeiros respiram um ar mais puro e mais subtil e são melhor alimentados; os segundos cultivam terras mais baixas e menos saudaveis, numa atmosfera mais pesada. A proposito cita certos povos da costa de Malaba, notaveis pela agilidade e souplesse que lhes permite dobrar tanto o corpo, que dão ilusão de não terem ossos e contra os quaes é dificil combater, visto que graças á sua agilidade, avançam e recuam com a rapidez dum raio, sem ser possivel atingi-los.

(Continua)

CORRÊA LEAL

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e à actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Permita tambem que impulse
O seu concurso da actriz,
Deitando o meu voto á Dulce,
A'Dulce, do São Luiz.

A. DMIRADOR

Da forma que vae correndo
A votação da beleza
Ficas tu, Raquel, sofrendo
A derrota, com certesa.

VILSA

Para mim a mais formosa,
E com dicção primorosa,
Com certesa graça e enlevo,
E de quem muito se gosta,
Desculpem, mas dizer devo.
De todas a — Laura Costa...

MARIO G. CARVALHO

Entre as estrêlas da scena.
A mais brilhante, a mais bela
E' a galante morena
Seductora Satanela.

LUIS

Deixem que eu humildemente
Pela Auzenda vá votar
E se fôr a vencedora
Só dela quero um olhar...

SHELL 2

Promessas do seu olhar
Não ha sêr que não pretenda...
E quem não hade votar
Pela encantadora Auzenda?...

SHELL 1

Quer no drama ou na tragedia
Rey Colaço é um primor
Até mesmo na comedia
Ela é p'ra mim a melhor

MISTER WU

MARIA VICTORIA

A peça de actualidade, tão querida do publico, Sonho Dourado com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

Angela Pinto imortal

(VERSOS FEITOS PARA SEREM DITOS POR EDUARDO BRAZÃO, NA FESTA DE HOMENAGEM A ANGELA PINTO)

Silencio... Luz velada. E' noite já desperta...
—A scena representa o quarto onde agonisa
Alguem...
Surge a primeira treva, inda indecisa,
na penumbra espectral da meia luz incerta.

Por sugestão da Sombra, a nossa alma, opressa,
particulas de sombra em corpos transformou,
em pedaços de Vida a discutir a pressa
com que foge da Vida a luz que os animou...

Em tôrno ao riso frio da Morte — a ansiosa fera —,
Num ulular de prece ardente e de defeza,
passa, humilde, o saiote rubro da Severa,
junto ao pálido heroi duma tragédia inglesa...

O vulto desvairado de Hamlet ajoelha
e ergue, em haustos de dôr, seu imortal lamento...
Airosa, a Largatixa, *além, vai dando alento*
ao cândido perfil duma abadessa velha...

Passa a fútil Zazá, levando pela mão,
ao estranho rendez-vous *que a Morte ali marcou,*
a mísera Izabel da «Santa Inquisição»,
a que pecou por bem e por amor roubou...

Quebra a plangência quente e o lacrimoso ái
das guitarras do «Fado», o som das castanholas...
Junto a alguma heroina casta de Bataille,
passa uma virgem flor das peças espanholas...

Gôtas de côr e som, á cadência das palmas,
passam as cançonetas leves da Guilbert...
. . . .
Como se extingue assim um corpo de mulher
que foi o berço ideal de tão distantes almas!...
. . . .
Passa a ronda da Vida, incansavel e doce,
a velar, mansa e forte, a gloriosa agonia
De quem deu vida á Morte...
A morte acobardou-se
e foi-se embora, a rir, insaciada e fria...
— Por feliz mutação — audaz metamorfose —,
Alta mercê de Deus, a scena transformou-se:
representa uma sala, em noite de apoteose!...

Tereza Leitão de Barros

cá por dentro

AS MEMORIAS DE EDUARDO BRAZÃO

Eduardo Brazão, a veneranda figura da scena portuguesa, vai fazer sair as suas memorias em edição, ao que dizem preciosa, da «revista de teatro». Já anunciamos o facto, como invulgar, nos anaes da bibliografia teatral e registamos ainda hoje o facto, chamando a atenção dos amigos e admiradores do genial artista para esse livro que guardará em paginas da colorida prosa de seu filho, os momentos capitaes do fulgurante vida de gloria do maior actor português comtemporâneo.

Sangue, Mocidade, Amôr
Essa que tudo define
Em «papeis» de viva côr,
É a Ilda Stichini.

MONTANHEZ

Como é lindo ver no prado
Pachorrentos bois lavrando,
E no palco a Auzendinha
Alegremente cantando.

BACHEU

De todas a mais formosa,
e por quem eu vou votar;
é mais linda qu'uma rosa,
são capazes de advinhar?

Está a saltar a vista
que é a gentil Laura Costa.
A engraçada artista
de quem toda a gente gosta.

A. F. SANTOS

EDEN

Semana dos 9 dias, a grande revista popular, com trez numeros novos de grande sucesso.

S. CARLOS

Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico toda a companhia.

NACIONAL

«Vivette» peça de emoção, dôr e sentimento, com Stichini, Cremilda, Albertina, Clemente e Rafael.
Conjuncto equilibrado e brilhante. Primorosa tradução de Vasco Borges.

S. LUIZ

Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos.
Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO

A revista popular «Mola Real» com a alegre Elisa Santos, fantasia e bom humor.

AVENIDA

«João Ratão» á opereta «Susi», pela companhia Satanela-Amarante. Explendido desempenho da admiravel actriz Luisa Satanela, musica lindissima.

POLITEAMA

O grande exito «Massaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara.
Toda a companhia Rey-Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE

Grandes e deslumbrantes soirées, pela companhia ingleza de comedia. Todas as noites peças novas.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moder-

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O MAIS EXTRANHO AMOR...

Pina Manicheli, assassina

APÓS o jantar, no «Petit-Duc», Chiquinho Vasques subiu comigo a Montmartre. Chegado a Paris naquela manhã, ele não descansava emquanto não mergulhasse na piscina de luz do velho bairro romantico e conhecesse de perto as heroinas perversas de Sanssay. Como todos os neofitos da grande capital, queria que a sua imaginação redopiasse nas azas chamejantes do Moulin-Rouge, tanta vez sonhadas atravez os romances...

Mas Vasques teve uma desilusão. Do Moulin-Rouge restavam apenas umas ruinas enegrecidas. Chuviscava—e os «boulevards» estavam quasi desertos. Ao longo do Clichy, marginando-o com frontarias caprichosas, bordadas com o ouro inquieto dos anuncios luminosos, havia alguns teatros e «cabarets» cujas virtudes eram cantados á porta pelos «voyons» uniformisados numa lenga-lenga assustadora.

— Queres passar uma noite em «Montmartroise?» perguntei.

E Chiquinho, desalentado, encolheu os hombros.

— Entremos então no «Bi-Bi...

«Bi-Bi» é um «cabaret» subsenario, todo ele pintado a sépia e com balões japonezes de papel de seda policromada, dependurados do teto. Trez negros, vestidos de «grenat» e arrumados sobre um estrado desencadeavam a tempestade de guinchos e trilos e marteladas dum «jazz-band» autentico.

— A celebridade de «Bi-Bi» — ilucidei — deve-se exclusivamente á sua frequencia especial. «Bi-Bi» é Montmartre servido em uma só pilula. É o frasco que guarda a essencia do bairro — a essencia espiritual e elegante. É ao mesmo tempo a sala de visitas onde a Elite «Montmartroise» recebe os embaixadores dos espiritos maximos das outras cidades, dos outros paizes, dos outros bairros...

— Nesse caso — atalhou Chiquinho — estou aqui representando a Estrela, que é o meu bairro.

O «Champagne» era obrigatorio. Vem «Champagne» e atravez o ouro arrendado de espuma da terceira taça, o «cabaret» começou a desvendar segredos que até entã otinham passado despercebidos a Chiquinho.

— Mas que diabo tem aquela mulher na cabeça?

— Uma cabeleira de lã roxa... Tenta lançar a moda. É M.lle Dubry que jura ser neta de Napoleão I.

— E quem é aquela dama que bebe «whisky» em canecas de cerveja?

— Miss Roland... ex-estrela das «Folies» — hoje amante de um judeu milionario...

— E aquel'outra que fuma com boquilha de meio metro de comprido?

— Ah! É Sarah Nevresco. Rumena. Estuda nas Belas Artes e embebeda-se com cocaina, no «Bi-Bi. Andou o ano passado com as sobrancelhas rapadas. Vês, mais adiante, aquele senhor calvo e de nariz arrebitado? É Pierre Wolff, o auctor de «Le Russeau»—drama dos «cabarets» de Montmartre. E aquele bruxinho, bochechudo, que parece um barbeiro? Nada menos do que o «Sha» da Persia...

Mas Chiquinho já não me prestava atenção. Os seus olhos tinham-se cravado como agulhas atraidas pelo iman no extremo oposto da sala. Segui-lhe o olhar—e vi então, numa meza proxima do «jazz», um admiravel recorte de cartaz, um cartaz que se tivesse milagrosamente animado, trazendo para a vida todo o colorido otografico, todos os exageros de estilisação do artista que o desenhara...

— Mas é ela! É ela!

— Ela... quem?

— Pina Manicheli!

Era-o de facto. Os jornais da manhã tinham anunciado a sua chegada a Paris — e lá estava, inevitavelmente no *Bi-Bi* passando as suas iris de porcelana e o seu sorriso desdenhoso pelo film que se projectava á sua volta.

Foi uma tentação que não pude evitar. Chamei um *groom* e usando um bilhete com nomeados jornalisticos, solicitei-lhe uma entrevista.

Confesso que não alimentava a menor esperança de ser atendido;—mas,

contra esse pessimismo, Pina Manicheli ondulando a serpente alvissima do seu braço, fez-me sinal para que me aproximasse. Lá fui, emocionado, como que para uma aventura de amor:

— É português? indagou ela, desbaratando as frases que eu já trazia estudadas. Murmurei um «oui» muito desconsolado, pensando ao mesmo tempo, que seria mais inteligente dizer-lhe que era norte-americano, ou pelo menos argentino.

Ela então, abriu com uma sacudidela nervosa, o seu saco de seda, e entornando o pó d'arroz duma pequena caixa de prata e deixando cair um *baton rouge*— retirou uma carta — uma carta esguia, de côr violeta, carta de namorado que compra o papel na tabacaria da sua rua.

— Leia e diga-me depois se conhece este *espéce de fou*... — exigiu Pina, entregando-me a fôlha, como que num arremesso.

Desdobrei a carta. Estava escrita com uma letra assustadoramente irregular. Dizia assim:

«Está bem! Lá em cima onde resplandesses, ha demasiada luz; cá em baixo, onde eu me arrasto, tudo é trevas. Não me vês e—o que é mais doloroso ainda—não consigo mostrar-me.

«Não esquecerei nunca, nem quando estiver no país para onde vou partir, essa primeira noite de ilusão! Tinham-me levado ao cinema. Tudo era negro á minha volta—e lá ao fundo, como numa aparição sobrenatural, tu choravas e rias, sob um jacto luminoso;—e olhavas para mim e prometias-me o que eu jámais ambicionara. Ao principio duvidei... Seriam realmente para mim os teus olhares de fogo, os teus risos e as tuas lagrimas? Lá voltei no dia seguinte. Tu procuraste-me até me encontrares no mesmo sitio onde estivera na vespera.

«Era para mim! Era para mim! Possuia o teu amor! Tu assim o juravas nos teus gestos, na oferta que fazias do teu corpo e da tua arte, ondulando no *ecran*, como uma serpente feita mulher.

«Oito dias durou a ilusão! O cinema mudou de programa. Tres semanas estive sem te vêr. Na quarta reapareceste noutro film! Durante este tempo outro homem te desviara e te atraíra. Já não me olhavas; já não eram para mim a tua dôr e a tua alegria... Julguei, ao principio, que não visses. Mudei de lugar... Passei ao balcão... Fui para os camarotes. Percorri toda a sala. Trabalho inutil. Aquelas tres semanas de ausencia tinham sido fatais... Perdera-te para sempre.

«Hontem tentei a ultima loucura. Deixei terminar o espectaculo. Esperei, até de madrugada, sob a chuva implicativa que se infiltrava, como agulhas de gêlo, na minha carne—na esperança de vêr-te sair. Não quizeste aparecer-me—não quizeste escutar-me!

«Cruel foi o teu capricho em embriagar-me com a luz do teu olhar—e deixar-me depois, cego e cambaleante, no meio da noite, escura e solitaria. Tanto pior para mim! Quando receberes esta carta já o meu espirito te estará procurando nas alturas onde instalaste o teu trono de diamantes.

«Escrevo sob o olhar vigilante duma «Star» que me vae libertar d'este horror e conduzir-me, á tua alma, pelo caminho piedoso da morte».

Tenho uma assinatura: «Pedro Nobre». Tinha uma data: 18 de Janeiro de 1920—ou seja quinze dias antes. Tinha uma direcção: Rua Buenos Ayres, 17, Lisbôa.

Pina Manicheli, que me seguira inquieta, palida, exibindo, numa contracção facial, a sua dentadura espelhante, durante toda a leitura da carta, perguntou-me, fremitando de anciedade:

— E matou-se realmente esse imbecil?

— Ignoro-o!

— Mas eu preciso sabe-lo!

E lançava essa convicção, como se fosse uma ordem. Estava tremenda, como uma pequena Cleopatra decadente, em noite bravia, de histerismo e desequilibrios.

— Conhece-o? indaguei, a medo.

— Eu? Nunca o vi! Não sei quem é! Recebi ha poucos dias essa carta. Traz-me perturbada. Não a comprehendo! Aflige-me! Intriga-me! Adoece-me. Foi ela quem me obrigou a fazer esta viagem a Paris. Mas ela quer-me obrigar a entrar no «Bi-bi».

Lembrei-me então de Chiquinho, que me aguardava na sua meza beberricando «champagne...» Talvez soubesse...

— Conheces, por acaso, um maduro... chamado Pedro Nobre? perguntei.

Chiquinho teve um sobresalto.

— Por favor, não venhas agora amargar-me a noite.

— Porquê?

— Ora porquê! Era meu visinho... Morreu-me quasi nos braços...

Desta vez fui eu quem se sobresaltou. Estava subsconscientemente convencido da irrealidade daquela carta, daquele romantico senhor que, no provincianismo de Lisbôa, se enamorara de Pina Manicheli. Não acreditava, sobretudo, na sua ameaça...

— E foi ha muito tempo? insisti.

— Ha quinze dias. Meteu duas balas no coração! Mas... acabou-se. Não falemos mais disso... «garçon, une bouteille...» Vamos a ver se aquela loura decotada quer bailar comigo este «fox...» Os negros do «jazz», soltaram guinchos de féra agonisante; rufaram tambores; chocaram-se metaes; todos os clientes de «Bi-bi» se reuniram no «ring», desengorçando-se num «fox» epiletico, diabolico. Pina Manicheli e eu, cada um na sua meza, ficamos fitando, pensativos, as taças onde o «champagne» borbulhava espumas doiradas...

REYNALDO FERREIRA

João Bastos

Começa brevemente a colaborar no Domingo ilustrado o brilhante humorista João Bastos, co-auctor de tantas obras teatrais de assignalado triumfo, como o João Ratão, J. P. C., Conde Barão, etc.

Felicitamos os nossos leitores pelo brilhante exito que decerto hade coroar o trabalho de João Bastos nas colunas do «Domingo ilustrado».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

a rapariga que chorava no Parque Mayer

FAZ agora um ano que eu pude ser, por uma longa e tristissima manhã de chuva, generoso, bom e caritativo com alguem.

E, porque o pequeno episodio tem um sabor de verdade comovente e um fio de ternura a dar interesse á narrativa, tento reproduzi-lo nas palidas linhas que seguem.

Chovia se Deus a dava, quando eu entrei, de manhã, no Parque Mayer. Nada mais triste nem mais desolador do que um desses parques de folguedos e diversões posto á clara luz do dia, deserto e despido do artificio das luzes electricas, reduzido á sua expresão verdadeira. E se então como nesse momento, a chuva encharca as pobres decorações de pano, e transforma as flores e as fitas em chorosos farrapos, peor ainda.

Recolhi-me numa barraca e esperei que a chuva parasse.

As coristas do Maria Victoria, saltitantes como avesitas, os saltos altos e as sombrinhas abertas, vinham entrando para o teatro, pela porta da «caixa», molhadas até aos ossos. Nos sordidos restaurants, alguns estroinas de provincia beberricavam golos de licor, de bruços sobre as mesas, e nostalgicamente, sobre a areia do arruamento a chuva caia sempre...

* * *

Desenhou-se ao longo da rua, um novo vulto, aperrado, sob o chapeu aberto. Era uma corista, decerto. Mais perto já, analisei-a e reconheci-a logo. Enquanto a rapariga passava pela minha frente, sem me ver, evoquei toda a sua historia num momento.

* * *

No predio, quando eu a conheci filha familia — era «a menina Palmira do 1.º andar.

O pae era um modesto funcionario, e a mãe uma pobre senhora como todas. A menina Palmira aprendia vagamente piano, de manhã aparecia com os «papelotes» nos caracoes á janela, e á tardinha namorava o rapaz do 3.º esquerdo, um francez, filho duma velha professora da mesma nacionalidade, e aqui residente ha anos.

Namoro foi esse, de gargarejo ao contrario, de baixo para cima, que um belo dia, com trem de parelha branca e rapazio á porta lá foram a casar.

A menina Palmira veio «oferecer a casa» e ficamos visitas.

Em agosto do ano seguinte já gravida a rapariga, rebentou a guerra de 914.

Chamado ás fileiras o marido partiu, e ainda a creança não era nascida já o pae em consequencia dum ferimento de batalha morria num hospital da retaguarda.

Mas, neste meio tempo o lar dos seus desfizera-se tambem. Morrera o pae, e a mãe, doente e velha e muito religiosa, recolhera a um piedoso asilo.

Estava viuva e só, aos 24 anos a menina Palmira,

Alargara um pouco o seu arcaboiço gentil, estava mais mulher, uma curva azulada lhe acentuava os olhos, mas tinha a mesma frescura e a mesma graça burgueza, a menina Palmira...

* * *

Um verão apareceram as janelas com escriptos, entrou para a casa um ferrovelho conhecido e não se viu mais ali a rapariga. Que teria sido dela? A creança, por um anuncio do jornal soube-se que morrera mezes depois, mas a mãe? «Deu em doida», constou na visinhança — mas a verdade é que durante dois ou três anos a sua figurita não se viu a sirandar por Lisboa.

Foi uma vez no Apolo que a reconheci na scena. Valendo-se da figura e do pouco que sabia de musica, fez-se corista a menina Palmira.

Que teria sofrido essa pobre rapariga que ingenuamente namorava de gargarejo o francez do 3.º esquerdo, e foi á egreja palida virgem, no seu trem de cavalinhos brancos, para aparecer numa sordida revista, semi-nua e flacida, vendendo por uns magros tostões o impudor de cada exibição?

Do palco ela reconheceu-me e desviou o olhar.

Percebi que mais que o «bâton» um carmim saudavel lhe cobriu as faces nessa noite, e eu proprio sai mais cedo da sala para a não incomodar com a minha presença.

* * *

Era essa a rapariga que acabava de entrar na «porta da caixa» do «Maria Victoria» e que eu seguira piedosamente com o olhar. A menina Palmira! E fiquei com os olhos fixos na porta onde desaparecera a sua figurita, levemente curvada sobre a frente, e outra vez mais magra, do que antigamente.

Mas, imprevistamente, a rapariga tornou a surgir á porta. Abriu o chapeu, e lentamente, pisando a terra ensopada atravessou a alea e entrou na pequena leitaria onde eu me encontrava. Vi então sob uma pintura ordinaria a sua imensa palidez.

Cortara o cabelo onde uma leve rede de fios brancos se emaranhava já, e a curva dos labios, mais profunda, perdera a sua graciosa frescura.

Desolada, caíu sobre uma mesa de marmore, e convulsivamente, perdidamente soluçou, escondendo o narisito no minusculo lencinho de rendas.

Dirigi-me a ela: Não me conhece já?

— Porque chora?

Estremeceu. Ao principio tive a impressão de que de facto não me reconhecera.

Depois, fez a custo: O sr. doutor, aqui...

— Sou eu, sim, o que tem...

— Sofro. Não tenho ninguem, sou uma desgraçada. Uma desgraçada?

— Mas o que tem?

— Fui despedida do teatro, não tenho absolutamente nada, ninguem quer saber de mim, não tenho ninguem, se não pago o quarto hoje nem sequer tenho onde dormir...

Para que será que eu vivo... sr. dr... o sr. que me conheceu no bom tempo...

— A menina Palmira...

* * *

E, curvado sobre a meza o dorso, a penugem doirada do cabelo sobre o pescoço, vencida, aniquilada, eu presenti nessa pobre rapariga a protagonista eterna desses dramas que acabam em duas pastilhas de sublimado, ou nas pedras duma calçada, tendo o corpo voado uns segundos, pesado e alucinante, desde o quarto andar...

— Menina Palmira... porque não trabalha? Uma rapariga, pode, querendo, trabalhar e viver...

— Mas não vê que no teatro não me querem...

— Então só o teatro é trabalho?

— Os clubs estão fechados.

— Os clubs... para trabalhar...

— Então? E os seus olhos espelhados das lagrimas fixaram-me anciosos.

Anciosos como se a minha boca lhes fosse descobrir um mundo novo ou uma felicidade inedita.

— Não, menina Palmira. Ha muita maneira de ganhar a vida. De a ganhar serena e honradamente.

Simplesmente é preciso desistir talvez dessas meias de seda e dessas peles, pelo menos provisoriamente.

— Quer um conselho?

Tire essa cor azul das suas olheiras... Nem precisa lavar a cara. Olhe... As proprias lagrimas se encarregam de a fazer desaparecer... As lagrimas ás vezes limpam...

* * *

Quinze dias depois, por detraz dum resguardo de vidros, na estação central dos correios, uma rapariga, curvada sobre um grande livro, alinhava tranquilamente as somas das vendas. Duas rosetas vermelhas do trabalho lhe afogueavam a face, e os olhos tinham o brilho vivo das pessôas que aplicam muito a atenção.

Vestia um fato simples em fiosito de ouro com uma cruz cahida certamente sobre o peito. Deu meio dia.

A escripturaria pousou a pena. Abriu a gaveta, estendeu um guardanapito de barra encarnada, e comeu, com gosto, apanhando entre os dedos a ultima migalha, o pãosinho do «lunch».

Depois dobrou o guardanapo outra vez, e a vista fixou-se num ponto abstracto, longo tempo.

Eu comtemplava-a sem ser visto. Duas aureolas de luz circumdaram-lhe os olhos: eram lagrimas...

— Menina Palmira! Então que tal?

— Ah! E' o Sr. Dr. — e limpou apressadamente o olhos'

— Então o que tinha? Chorava?

— Não é nada... estou muito bem... E, depois, mais baixo, lentamente, murmurou:

Chorava por aquela rapariga que o senhor salvou ha quinze dias, uma manhã, no Parque Mayer e que era muito desgraçada — porque eu... eu sou feliz, muito feliz...

O Reporter Misterio

P. S. — Li no «Diario de Noticias»:

Realisou-se ontem o casamento da Sr. D. Palmira * * * com o Sr. J..., ambos funcionarios dos Correios e Telegrafos.

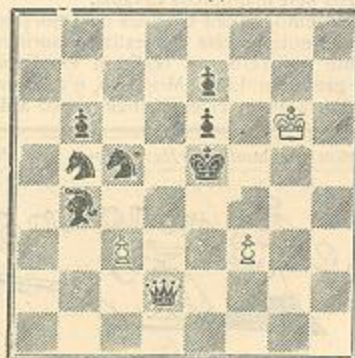
E eu pensei como meia duzia de palavras rasoaveis podem salvar uma vida, e como essa preciosa terapeutica do espirito que antigamente se fazia por detraz dum sacro confessionario de egreja, se pode fazer nestes demagogicos tempos até numa leitaria reles do Parque Mayer..

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 8

Por Melo Menezes (Rio de Janeiro)

Pretas (6)

Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do Problema n.º 7

1 B. 5. B. D.

Resolveram o problema n.º 6 os snr.s Gomes de Pina, Jorge Pereira, Mota Ribeiro (Porto), David Benoliel, Afonso Moutinho, Sequeira Ramos, Sueiro da Silveira e Nunes Cordozo.

Para mostrar a dificuldade da composição de um bom problema vamos indicar sumariamente as exigencias a que tem de satisfazer.

Não deve ter mais peças do que comporia o material inicial de uma partida, duas D, tres T, tres C., dois B da diagonal da mesma côr.

ANTONIO LUIZ LOPES PREPARA COM CARINHO INTENSO SETE CAVALOS DE COMBATE

O aparecimento desta secção deu áso a amaveis e autorizadas palavras de incentivo que nos calaram n'alma e nos tornam sumamente gratos ante as pessoas que nos dirigiram tão cativantes expressões.

Desde longa data que vimos trabalhando nesta especialidade, valendo-nos dos conhecimentos de que dispomos e baseando-nos invariavelmente na franca imparcialidade que é o mais digno apanagio de todos aqueles que escrevem para o publico.

Sem a ousada pretensão de alcançarmos triunfos identicos aos que enfloraram a prosa sintilante de *Sanchez de Neira, Carmena y Millan, José Horta, Salvador Marques, Pinto Campos* e hoje, ainda, afirma as superiores qualidades de *Barquero, Corrochano, D. Luiz, Eduardo Palacios, Corintho y Oro;* sem a estulta ambição de colhermos louros que não merecemos, vamos seguindo a directriz que traçamos, apegados á singela condição de cronista que não inveja as presumidas fulgurações de tantos e falados talentos.

* * *

D. Miguel de Bragança—o principe toureiro—possuia proximo da Azambuja umas edificações que pela arquitectura e pelo traço a que obedeceu o levantamento das mesmas, nos leva a crer que ali se verificaram luzidas festas taurinas.

A pouca distancia do Tejo, e a dentro da planicie onde as manadas de gado bravo desenvolvem a corpulencia e avolumam vasta inergia, as Barracas da Rainha—assim se denominam as edificações referidas — teem todo o aspecto dum vestuto solar sobre que pairava o espirito aficionado á festa de touros.

A par de vastissimos salões com rasgadas janelas e varandas, notam-se outras dependencias, como seja a espaçosa cosinha em cuja chaminé—diz o vulgo—se assava um boi inteiro.

O mais caracteristico das ditas edificações, está no curral em alvenaria (superior ao de muitas praças de touros) e no enorme pateo que mede cerca de 1600 metros quadrados. A substituir a trincheira doutros tempos, existem os burladeros.

Veem estas notas a proposito da visita que fizemos áquele pitoresco logar, onde o cavaleiro Antonio Luiz Lopes está trabalhando com os seus sete magnificos cavalos.

O cinzento do ceu e a briza do Tejo, punham no dia a nota precisa dos festivais taurinos que durante o inverno se realizam em Espanha.

O ganadero Lima Monteiro, o arrendatario das Barracas e terrenos anexos, poz á disposição do artista as vacas que este necessita para o adestramento dos sete cavalos de combate.

A nossa visita foi mimoseada pela lide de tres vacas em que uma das mesmas, mostrou enorme bravura. Antonio Luiz montando os seus cavalos executou uma avultada serie de sortes, que pela limpeza e facilidade que revestiram,

ANTONIO LUIZ LOPES

tiveram jus á nossa franca satisfação. Não se pode exigir mais, em materia de cavalaria. Com o auxilio de Bobone, Lopes tirou alguns passes de muleta em cujo trabalho não passa . . . de um esperançoso amador.

* * *

Registamos com desgosto a noticia do desaparecimento das revistas tauromaquicas «Zig-Zag» e «Sangre y Arena.»

* * *

No proximo domingo de Pascoa temos no Campo Pequeno o espada «Bienvenida» e alguns domingos depois, o grande «Chicuelo».

Na corrida promovida pelo sr. Governador Civil, dentre outros atractivos, consta que, tomarão parte o espada Sanchez Megias e o caballista Cañero.

PÉPE LUIZ

Secção a cargo de José Pedro do Carmo *(Zépêdro)*.

QUADRO DE HONRA

Rei do Orco—Carmo—O Pechincha---Africano---Milena--Fontelisio—Josicar—Aros---Néné—Rosamio--Zarita—Violeta—Marco Lino—O Mister Misterio—Zamora.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 7.

Decifrações do numero transato:

Charada em frase: Safanão.
Logogrifo: Heliantro.

CHARADA EM VERSO

Palavra sacramental,
Palavra que não tem fim . . .
E é tão pequena afinal
A simples palavra *Sim!*

Quem não sentiu a candura,
D'essa palavra sagrada
Quando a ouviu com doçura . . .
Dos labios da sua amada?

A noiva a diz quasi a medo,
Junta ao noivo no altar.
Depois a diz em segredo—3.
Quando o noivo a vai beijar . . .

É alivio que consola,
Essa suave expressão! . . .
Dizer sim, é uma esmola
Que nos sai do coração.—1

Palavra sacramental,
Palavra que não tem fim . . .
E é tão pequena afinal
A simples palavra *Sim!*

PAM

CHARADA EM FRASE

A «PAM»

Não sei como *trota* um cavaleiro sobre uma sela tão *rija* e montado em tão má besta!—3—2.

«REI-FERA»

LOGOGRIFO

Sobre o admiravel soneto "*Disputa em familia*," grande poeta Anthero de Quental.

Sae das nuvens, levanta a fronte e *escuta*—14—12—1—7.
O que dizem teus filhos rebellados,
Velho Jehovah de longa barba hirsuta,—1—8—3—4—11—10
Solitario em teus Céus acastellados:

«—Cessou o imperio emfim *da força bruta*,—10—5—12—11—8
Não soffreremos mais, emancipados.
O *tyranno* de mão tenaz e astuta,—6—12—11—5.
Que mil annos nos trouxe arrebanhados!

«Emquanto tu dormias impassivel,
Topámos no caminho a liberdade
Que nos sorriu com gesto indefenivel . . .

«Já provámos os fructos da verdade . . .
Ó *Deus grande*, ó Deus forte, ó Deus terrivel—13—14—9
Não passas d'uma vã banalidade!—»

CARMO & ZÉ

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director, e enviada a esta redacção ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

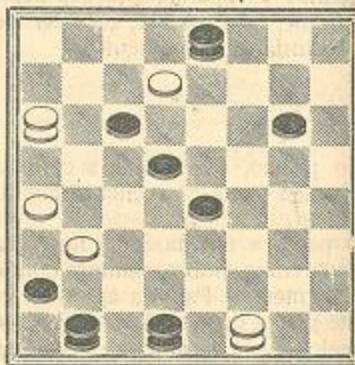
— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem enviar todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 7

1	4—8	15—4
2	23—27	31—24
3	16—19	24—15
4	7—11	15—8
5	3—7	17—3
6	30—21	3—?
7	21—3	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 8

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 2 D e 3 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Folhetim do Domingo «Ilustrado» *N.º 2*

Por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

II

O governo fôra convocado, com a urgencia que as circunstancias reclamavam, pelo presidente do conselho—um rapaz alto, loiro, de monoculo, bacharel em direito e cuja inteligencia politica se revelára inexcidivel na maneira habil porque dançava os bailados russos. O poder executivo queria discutir, sobre a presidencia do rei, o problema gravissimo da mobilisação das mulheres que Sua Magestade ordenara ao secretario de Estado da Guerra e que, á primeira vista, não parecia—e não era de facto—absolutamente constitucional.

O governo reunir-se-hia ás tres horas da manhã—a hora em que se podem discutir a coisas publicas porque é a hora em que os paizes dormem—no gabinete de trabalho do Rei Maganão. O alto comissario dos abastecimentos fôra encarregado de encomendar a ceia que, como todas as ceias reaes, meteria champagne e *mayonnaise* de lagosta. Pouco antes das trez horas, sob a neblina da noite, começaram a chegar, de golas levantadas, Suas Ex.as os ministros. Primeiro o ministro da justiça e dos cultos—dos cultos á deusa Venus—trinta anos, ligeiramente calvo, vagamente miope, com umas mãos finas de mulher, lampejantes de aneis; depois o ministro da Instrução e Bailados, irrepreensivel, de casaca,—vinha dum baile em casa de Madame Nitouche—com um sorriso nos labios, uma orquidea branca na lapela; em seguida o ministro do Interior, gordo, rosado, alegrissimo sempre, perdido pelo cognac, doido por cocottes; agora os ministros da Guerra e da Marinha, de braço dado num exemplo maravilhoso de defeza nacional, as fardas cheias de oiro, os olhos resplandescentes de orgulho, mais logo o ministro do Turismo, vivo como um demonio, sempre a ensaiar os passos do *fox-trot*, sempre a trautear a musica da *Gran-duqueza*; por fim o ministro dos feriados e das recitas de gala; o ministro da agricultura e das danças regionaes, o ministro do comercio e das casas de prego. Quando sua Ex.a, o presidente do ministerio chegou, seguido solicitamente por duas lindas datilografas de cabelo loiro e de olhos azues, começou o conselho sobre a presidencia do rei. Sua Magestade, embrulhado suntuosamente num pijama côr de rosa, acendeu um cigarro egipcio e, emquanto seguia no ar a nevoa azulada do fumo, poz a questão com clareza. A velhice tinha sido ultrajada pelas mulheres. Pois bem. As mulheres haviam de pagar bem caro, as exigencias demasiadamente ditactoriaes do seu orgulho. Não, não podia ser. Que disposição legal auctorisava *notre-soeur-farouche* a negar os seus beijos e as suas caricias aos velhos gotosos e aos velhos decrépitos? O direito á gréve? Mas esse direito não o tinham os funcionarios do Estado—e o que eram as mulheres, na sua dudla função social de mães e de amantes, senão verdadeiros funcionarios publicos? As mulheres tinham feito gréve? O poder executivo as mobilisaria, as obrigaria a amar, a beijar, a sorrir—como se elas fossem *tout court* uma legião de soldados de saias curtas e de pernas á mostra correctos, irrepreensiveis, disciplinados.

O chefe do governo pediu em seguida a palavra. Sim, ele não contestava que, sob o ponto de vista moral, Sua Magestade tinha razão como sempre. Mas—o *mas* de todas as questões publicas—a verdade é que não havia; pelo menos ele, chefe do governo, não a descobria na legislação do reino, uma unica disposição pela qual nos fosse permitido o luxo de concluir que as mulheres eram funcionarios do Estado—e como tal impossibilitadas de usarem do direito á gréve. As mulheres, entendia ele, podiam amar ou deixar de amar quem e quando quisessem porque a Constituição garantia a liberdade individual—e o amor era livre, Depois que visse bem Sua Magestade—que complicações de natureza politica e, até de natureza economica não adviriam para o governo e para nação duma medida tão vigorosa e—o que era gravissimo—tão pouco constitucional. Mas melhor do que ele falaria o senhor ministro da justiça, homem sabedor e prudente. Que Sua Magestade o ouvisse, meditasse bem as suas palavras.

O ministro da justiça foi claro e conciso. Antes de discutir a inconstitucionalidade ou a constitucionalidade da medida—ele perguntava a Sua Magestade e ao conselho que vantagens ou desvantagens havia nas mulheres negarem o seu amor e os seus abraços aos velhos decrepitos e aos velhos gotosos? A velhice era uma aposentação da mocidade. Os velhos não tinham o direito de ser amados porque só teem esse direito aqueles que, na plena posse do seu vigor, podem amar tambem. As mulheres beijam para serem beijadas. O amor troca-se por amor. Não havia o direito de obrigar as mulheres a amarem os homens que, em compensação desse amor, só lhe poderiam dar tristes desilusões e amaveis romanticismos. Ele, ministro da justiça, pedia licença para se opôr, á opinião de Sua Magestade. Um a um falaram todos os ministros O conselho estava inteiramente de acordo com o ministro da justiça. Entretanto se Sua Magestade entendesse eles cumpririam, como subditos fieis, a vontade suprema do seu rei. Houve um momento de silencio. Sua Magestade, de novo usou da palavra. Limitar-se-hia a fazer uma consideração ao ministerio, uma pequenina consideração ao conselho. Que os ministros vissem bem, que considerassem melhor o problema, no seu aspecto fundamental. Eles, ministros, ainda estavam em plena mocidade. Mas, ha lei no mundo, viram a envelhecer. Com que dolorosa evidencia ele o dizia! E se as mulheres fizessem triumfar o seu ponto de vista—que lhes sucederia a eles quando a velhice decrepita de d'Artagnan começasse a importunar a sua mocidade radiosa de Arlequim? Tambem eles seriam condenados. Tambem eles não teriam os beijos e as caricias das mulheres . . .

Ninguem opôz um argumento. Os creados serviram a ceia. E emquanto o ministro da justiça se servia orgulhosamente de lagosta—o presidente do governo escrevia, a tinta vermelha, nas costas do menu, o decreto da mobilisação das mulheres.

(Continua)

pagina feminina

Carta de Paris

As côres dos novos vestidos

TERÃO um aspecto realmente inedito os novos vestidos deste verão? Serão conservadas as mesmas côres do ano ultimo ou virão algumas côres novas variar o nosso guarda-fato?

As revistas de modas de Paris enchem paginas e paginas com novidades, algumas um pouco velhas. Todavia, não ha duvida de que os grandes costureiros parisienses conseguem apresentar coisas interessantes.

Em primeiro logar, o que salta á vista é a flamancia das côres, toda a gama dos verdes, dos vermelhos, dos violetas e outros que taes. O preto é posto um pouco de lado. A seu proposito diz um grande costureiro: «O preto regressa, nas colecções de modelos, ao seu antigo logar, d'onde nunca devia ter saído: serve para fazer alguns vestidos praticos, mas deixa de ter a pretenção de entrar em todos os vestidos duma senhora elegante.»

Assim, pois, teremos modelos em verde esmeralda e verde claro, vermelho vivo ou rosa cortado de preto, violeta episcopal, azul em quantidade, mas um azul especial, nem muito claro, nem muito carregado, nem marinho, nem bandeira, que vinca de preferencia. Para a noite nuances «pastel» e efeitos de «velho», de «usado», que se encontram mesmo de dia: sernos-ha preciso algum tempo para nos habituarmos a esta paleta.

Encontra-la-hemos, de resto, sobre o crêpe estampado, do qual teremos a paixão, este verão. Vêm-se sobre o «Tchina crepe» maravilhas de colorido novo que mostram, uma vez mais, gosto moderno e creador dos industriaes francezes; misturas de cinzento e de beije, de violeta e de azul, de rosa e de castanho escuro. O vestido assim feito será coberto dum casaco de tecido liso e sobrio, forrado e debreado de crêpe estampado, conjuncto interessante na rua, cheio de fantasia em casa ou em visita; é o costume tipo da parisiense de hoje.

Mas chegarão estes tecidos já a Portugal?

As sardas

As ephélides em sardas são devidas a uma acumulação de pigmento nas regiões sub-epidermicas, sob a influencia da luz solar. As sardas aparecem de preferencia nas pessoas de cabelo castanho mas de pele fina e são mais frequentes na mulher do que no homem; mas sobre tudo atacam mais particularmente as ruivas e as loiras. Colorindo a pele de pequenos pontinhos escuros e muito pouco salientes, as sardas aparecem em todas as idades, nas faces, no nariz, na testa e nas costas das mãos. Elas podem durar toda a vida, mas ás vezes desaparecem com o tempo. Não têm influencia alguma sobre o estado de saude ou de doença.

O chamado «pano» de gravidez (que aparece pelo quarto ou quinto mez), o tostado do campo ou da beira-mar, etc., são variedade das ephélides ou sardas.

Antigamente tratavam-se as sardas pela descarnação ou leve queimadura da derme, empregando um antiseptico forte que atacava a epiderme. Esta pratica é geralmente dolorosa e pode apresentar graves inconvenientes. Hoje ha um preparado perfeitissimo, que pode ser usado com toda a confiança, e que dá sempre o mais absoluto e feliz resultado: o «Leite Antefelico Marya.» Não ha um unico insucesso registrado e ha cerca de 15 anos que é fabricado pela «Perfumaria da Moda», da rua do Carmo, 5 e 7.

As mulheres turcas

Desde que lhes abriram as portas dos harens, as mulheres turcas tratam apressadamente de imitar as europeias, procurando conquistar a sua independencia em carreiras as mais diversas. A supressão do veu, que lhes ocultava o rosto, e a supressão da poligamia produziram uma transformação consideravel nos costumes que a guerra já alterára.

Elas tiveram o seu heroe durante a guerra: a «capitôa» Kara Fatué, que combateu ao lado dos kemalistas e foi seis vezes ferida. Outras fizeram-se poetizas destes combates e contaram os altos feitos dos heroes e das heroinas: assim Kadria Hussein e Halidré Hanum, ambas escriptoras de talento e notaveis oradoras.

Não faltará muito que tenham representantes na magistratura, coisa que nós ainda não temos, apesar de possuirmos algumas doutoras: pelo menos trez diplomadas recentemente na Faculdade de Direito,—são as primeiras—as sr.as Sureya Agaeyt, Mélahat e Bédié, acabam de pôr-se a caminho de Angora, na intenção de apresentarem um requerimento ao comissariado da justiça, afim de entrarem na magistratura.

Da amabilidade

Quantas pessoas compreenderão que o maior bem a oferecer a este misero mundo é conseguir que ele se torne mais amavel?

Nós todos podemos, em verdade, ser substituidos no exercicio da nossa actividade material. Os nossos dons, a nossa capacidade são em certo modo necessarias, mas a sua importancia é muito inferior á do nosso dever de sermos amaveis. A amabilidade é como um raio de sol que faz desabrochar todas as melhores qualidades dos humanos. O homem desagradavel é simillhante a um sombrio e glacial dia de chuva.

Mesmo quando o nosso humor não está muito agradavel, é do nosso dever «fazer boa cara á má sorte», porque é sobretudo á aparencia que os homens são sensiveis, e de resto, como reação, sucede muitas vezes que o bom humor, a principio afectado, acaba por tornar-se autentico.

Do mesmo modo que as plantas precisam de luz e se estiolam na sombra. os sêres humanos reclamam uma atmosfera de alegria. E' facil vêr que os membros duma familia de disposições agradaveis são mais apreciaveis e geralmente mais uteis do que os que têm um feitio desagradavel.

Não ha nada que ornamente melhor um rosto do que um sorriso, e a alegria tem mais sucesso do que a beleza.

O mundo é sedento de alegria. Vegeta-se quando ela falta. Quanto á melancolia, é inutil oferece-la, ninguem a pede, porque cada um de nós encontra em si proprio fontes bastantes de tristeza, sem recorrer á dos outros.

CELIMÉNE

PÉS CHATOS

Póde dizer-se que 80 % dos individuos que se queixam de dôres nos pés teem pés chatos. Esta frequencia é pouco levada em conta entre nós e d'ahi o passarem por dôres reumaticas, e dôres com outros nomes, perturbações unicamentes devidas a essa enfermidade.

O aumento exagerado e rapido do peso do individuo, a carga de objectos pesados, as necessidades profissionais de longo tempo na posição de pé, uma disposição especial que relaxa os musculos e os ligamentos das articulações dos pés, conduzem ao pé chato. A abobada da planta do pé normal desaparece e é substituida por uma superficie plana ou quasi plana. As dôres mais frequentes causadas pela deformidade, são na região dos tornozêlos, que chega a inchar, e na planta dos pés, no calcanhar e junto á raiz dos dedos.

Estas dôres são tão intensas que chegam a dificultar e a impossibilitar a marcha.

Os que sofrem de taes dôres fazem mil e um banhos, tomam comprimidos e hostias de mil drogas e continuam sempre no mesmo estado.

Os unicos processos de curar taes dôres, corrigindo a deformidade, são as palmilhas especiaes e as operações cirurgicas. Da oportunidade destas quer sejam sangrentas ou não, só póde ajuizar o especialista. Em geral só nas creanças se praticam.

As palmilhas são hoje o tratamento de eleição. Convem aqui fazer um aviso: existem no comercio, acompanhados de maior ou menor reclame, varios modelos destas palmilhas, que se colocam por dentro da bota e são feitas de metal, de madeira ou de celuloide, e que se vendem promptas a ser utilisadas.

Condenar em absoluto tal artigo. Essas palmilhas teem de ser feitas pelo ortopedista (não confundir o medico da especialidade, a quem nos referimos, com o industrial do assumpto, que toma ás vezes o mesmo nome), sob o modelo em gesso dos pés doentes.

É rarissimo encontrar já feitas palmilhas que se adaptem perfeitamente, e no caso contrario a correcção é imperfeita e o mal não desaparece.

Ainda ha bem poucos meses vi uma rapariga de 18 anos que cresceu e engordou repentinamente nos ultimos quatro anos e se queixava de dôres terriveis nos pés — que eram chatos. Por sua conta comprou palmilhas no mercado, e continuou na mesma, ferindo os pés.

Feitas um dia novas palmilhas, segundo o modelo dos pés, não voltou a ter as dôres, e dançou todo o ultimo carnaval.

Veio hontem agradecer-me o seu bem estar e a sua ligeireza de Atalante.

—

(As consultas devem vir acompanhadas da importancia de um escudo para os nossos pobres).

O MEDICO DO DOMINGO ILUSTRADO

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

VIOLETA MORTA — A caligrafia de V. Ex.a diz-me entre outras coisas, que o seu genio deve ser muito salpicado de bexigas, que gosta de se levantar tarde, que tem o costume de andar com a saia branca a aparecer por debaixo do vestido e que em ouvindo tocar guitarra fica perdidinha de todo. Com respeito a casamento acho que faz bem se encontrar um pateta que vá nesse negocio.

MARIO SIMPLES — O vinco nas calças obtem-se de muita maneira. Com um ferro quente, entalando as calças entre os colchões ao deitar, etc. No entanto, se não tiver nenhum desses ingredientes, trace um risco com um lapis azul. A grande distancia, dá perfeitamente a ilusão do vinco.

M. S. T. — O ponto «a jour» para ficar bonito deve ser feito perfeitamente egual. Para isso deve V. Ex.a usar um vosador (alicate que empregam os conductores dos electricos).

ROSA DA ALEXANDRIA — Maridos como V. Ex.a deseja, já não ha. O ultimo desse modelo casou com uma senhora que morreu á nascença em 1817. O mais que posso aconselhar a V. Ex.a é que vá aos cinemas. Ás vezes no escuro pode ser que alguem se engane...

XISTO V — Para as dores de cabeça o melhor é fazer de conta que não são comnosco. Em todo o caso deve evitar-se a contemplação de fazendas vermelhas, bem como passar proximo do Mercado Geral de Gados.

MARIANA VAE COM AS OUTRAS — Para o mau cheiro da pele tem V. Ex.a aguas de colonia, elixires, sabonetes perfumados, pomadas, pós de arroz, etc. Ha tambem quem use a agua do contador todas as manhãs mas isso está caindo em desuso.

Prof. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

Actualidades gráficas

O RAID LISBOA-GUINÉ

CINEMA

CULLEN LANDIS

Um dos mais completos galãs norte-americanos desconhecido entre nós e que desempenha o protagonista da grande obra d'arte «Old Nest» que se anuncia em Portugal com o titulo de «Velho Ninho».

O «*Breguet 15*» *ao aterrissar na praia de Quarteira, devido ao intenso nevoeiro. A nossa gravura fixa o momento em que o avião tocando a terra parte uma das azas. (Reconstituição inédita).*

CINEMA

LEW CODY

Considerado o «Az» dos cínicos elegantes do cinema e que nessa qualidade se apresenta na super-producção «Almas á Venda» a exibir em breve em Lisboa, film em que tomam parte 35 estrelas de primeira grandeza do cinema entre eles Charlot, Douglas Fairbanks, Mary Pickford e Eric Von Stroheine.

O CRIME DO CABO MORENO

O cabo Antonio Moreno, o esquartejador da rua de S. Tiago, no momento impressionante em que o promotor de Justiça pedia a sua condenação.

O FUNERAL DE ANGELA PINTO

O feretro da gloriosa actriz ao passar em frente da Teatro de S. Luiz, onde tantas noites de triunfo conquistou a interprete da «Severa».

PUBLICIDADE

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS
MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

Tapeçarias de Traz-os-Montes

(URROS) L.da

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

BORGES & IRMÃO

BANQUEIROS

PORTO
Rua do Bomjardim

LISBOA
Largo de S. Julião

RIO DE JANEIRO
Rua da Alfandega

TODAS AS OPERAÇÕES
DE BANCO E DE BOLSA

SECÇÃO MARITIMA — Caes do Sodré, 84

ULTIMA NOVIDADE

DOCES INSTANTANEOS

FARINHAS BELGAS

"DELISS"

FARINHAS «DELISS» PARA PUDINGS E BOLOS INSTANTANEOS. FARINHAS COM O SABOR E PERFUME DE TODAS AS FRUCTAS.

Dôce econo-mico

CRÉMES DE CHOCOLATE. CRÉMES PARA SORVETES. ASSUCAR BAUNILHADO. FARINHAS «DELISS» «UNIVERSELL» PARA MOLHOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO
NAS MONTRAS DOS
DEPOSITARIOS

Jeronimo Martins & Filho

Representante: BATALHA REIS, Ltd.

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

Cunha Leal e o Chefe de Estado

O formidavel discurso de Cunha Leal, atacando em pleno congresso nacionalista, a acção de S. Ex.ª o Presidente da Republica foi a nota social mais saliente da ultima semana. O elequente tribuno que foi muito violento nos seus ataques propôz a abstenção eleitoral do seu partido, o que daria á fisionomia politica do paiz aspectos imprevistos.